

Por que os britânicos disseram não à Europa

O voto majoritário dos britânicos para sair da União Europeia foi um ato de democracia crua. Milhões de pessoas comuns recusaram-se a ser abusadas, intimidadas e rejeitadas com desprezo aberto pelos seus presumíveis superiores nos principais partidos, pelos líderes da oligarquia empresarial e bancária e pelos meios de comunicação social.

Este foi, em grande parte, um voto dos indignados e desmoralizados pela pura arrogância dos apologistas pela campanha do “remanescente” e pelo desmembramento de uma vida civil socialmente justa na Grã-Bretanha. O último bastião das reformas históricas de 1945, o Serviço Nacional de Saúde, foi tão subvertido pelos privatizadores apoiados por Conservadores e Trabalhistas que está lutando por sua sobrevivência.

Um aviso prévio veio quando o Tesoureiro, George Osborne, a personificação do antigo regime britânico e da máfia bancária na Europa, ameaçou cortar 30 bilhões de libras dos serviços públicos se as pessoas votassem de forma errada; foi chantagem numa escala chocante.

A imigração foi explorada na campanha com um cinismo consumado, não só pelos políticos populistas da direita lunática, mas também pelos políticos trabalhistas que se inspiraram na sua venerável tradição de promover e nutrir o racismo, um sintoma de corrupção não na base, mas no topo. A razão pela qual milhões de refugiados fugiram do Oriente Médio – do Iraque, agora da Síria – são as invasões e o caos imperial da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da França, da União Europeia e da NATO. Antes disso, houve a destruição deliberada da Jugoslávia. Antes disso, houve o roubo da Palestina e a imposição de Israel.

Os salakots podem ter desaparecido há muito tempo, mas o sangue nunca secou. O desprezo dos países e dos povos pelo século XIX, em função do seu grau de utilidade colonial, continua a ser uma peça central da “globalização” moderna, com o seu socialismo perverso para os ricos e o capitalismo para os pobres: a sua liberdade para o capital e a negação da liberdade de trabalho; os seus pérfidos políticos e funcionários públicos politizados.

Tudo isto voltou agora à Europa, enriquecendo os gostos de Tony Blair e empobrecendo e enfraquecendo milhões de pessoas. Em 23 de Junho, os britânicos não disseram mais nada.

Os propagandistas mais eficazes do “ideal europeu” não têm sido a extrema-direita, mas uma classe insuportavelmente patricia para quem Londres metropolitana é o Reino Unido. Seus principais membros se vêem como tribunais liberais, iluminados, cultivados, do século 21, zeitgeist, até mesmo “cool”. O que eles realmente são é uma burguesia com gostos consumistas insaciáveis e instintos antigos de sua própria superioridade. No seu jornal, The Guardian, regozijaram-se, dia após dia, com aqueles que até considerariam a UE profundamente antidemocrática, uma fonte de injustiça social e um extremismo virulento conhecido como “neoliberalismo”.

O objetivo deste extremismo é instalar uma teocracia capitalista permanente que garanta uma sociedade de dois terços, com a maioria dividida e endividada, administrada por uma classe empresarial e um trabalhador pobre permanente. Hoje, na Grã-Bretanha, 63% das crianças pobres crescem em famílias onde um membro trabalha. Para eles, a armadilha fechou-se. Mais de 600.000 habitantes da segunda cidade da Grã-Bretanha, a Grande Manchester, estão, relata um estudo, “experimentando os efeitos da pobreza extrema” e 1,6 milhões estão caindo na miséria.

Pouca desta catástrofe social é reconhecida nos meios de comunicação controlados pela burguesia, nomeadamente na BBC

dominada por Oxbridge. Durante a campanha do referendo, quase nenhuma análise perspicaz foi autorizada a intrometer-se na histeria clichê sobre “deixar a Europa”, como se a Grã-Bretanha estivesse prestes a ser rebocada em correntes hostis em algum lugar ao norte da Islândia.

Na manhã seguinte à votação, um repórter de rádio da BBC recebeu políticos em seu estúdio como velhos amigos. “Bem,” ele disse ao “Senhor” Peter Mandelson, o desgraçado arquiteto do Blairismo, “por que essas pessoas querem tanto isso? O “estas pessoas” são a maioria dos britânicos.

O rico criminoso de guerra Tony Blair continua a ser um herói da classe “europeia” de Mandelson, embora poucos o digam hoje em dia. The Guardian descreveu Blair como “místico” e tem sido fiel ao seu “projeto” de guerra voraz. No dia seguinte à votação, o colunista Martin Kettle ofereceu uma solução brechtiana para o mau uso da democracia pelas massas. “Agora certamente podemos concordar que os referendos são maus para a Grã-Bretanha”, disse a manchete sobre o seu artigo de página inteira. O “nós” era inexplicável, mas entendido – tal como “estas pessoas” é entendido. “O referendo conferiu menos legitimidade à política, não mais”, escreveu Kettle. “... o veredito sobre os referendos deve ser impiedoso. Nunca mais”.

O tipo de crueldade que Kettle anseia é encontrado na Grécia, um país agora aerogerado. Aí houve um referendo e o resultado foi ignorado. Tal como o Partido Trabalhista na Grã-Bretanha, os líderes do Governo sírio em Atenas são produtos de uma classe média rica, altamente privilegiada e instruída, preparada na falsidade e na traição política do pós-modernismo. O povo grego usou corajosamente o referendo para exigir que seu governo procurasse “melhores termos” com um status quo venal em Bruxelas que esmagava a vida fora de seu país. Foram traídos, pois os britânicos teriam sido traídos.

Na sexta-feira, o líder do Partido Trabalhista, Jeremy Corbyn, foi perguntado pela BBC se ele iria prestar homenagem ao

derrotado Cameron, seu camarada na campanha “permanecer”. Corbyn elogiou plenamente a “dignidade” de Cameron e anotou seu apoio ao casamento gay e suas desculpas às famílias irlandesas dos mortos de Bloody Sunday. Ele não disse nada sobre a divisão de Cameron, suas políticas de austeridade brutal, suas mentiras sobre “proteger” o Serviço de Saúde. Ele também não lembrou as pessoas da guerra provocada pelo governo Cameron: o envio de forças especiais britânicas para a Líbia e de bombardeiros britânicos para a Arábia Saudita e, acima de tudo, o aceno para a terceira guerra mundial.

Na semana da votação do referendo, nenhum político britânico e, tanto quanto sei, nenhum jornalista se referiu ao discurso de Vladimir Putin em São Petersburgo em comemoração do 75º aniversário da invasão da União Soviética pela Alemanha nazi, em 22 de Junho de 1941. A vitória soviética – que custou 27 milhões de vidas soviéticas e a maioria das forças alemãs – venceu a Segunda Guerra Mundial.

Putin comparou a atual e frenética formação de tropas da OTAN e material de guerra nas fronteiras ocidentais da Rússia à Operação Barbarossa do Terceiro Reich. Os exercícios da OTAN na Polónia foram os maiores desde a invasão nazi; a Operação Anaconda tinha simulado um ataque à Rússia, presumivelmente com armas nucleares. Na véspera do referendo, o secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg, avisou os britânicos de que estariam a pôr em perigo “a paz e a segurança” se votassem a favor da saída da UE. Os milhões que o ignoraram e Cameron, Osborne, Corbyn, Obama e o homem que dirige o Banco de Inglaterra podem, talvez, ter desferido um golpe pela paz e democracia reais na Europa.

Original:

<http://johnpilger.com/articles/why-the-british-said-no-to-europe>